Presidentes do Ceará

Segundo Reinado

18° Presidente

Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rêgo

(de 9 de Julho de 1851 a 28 de Abril de 1853)

(Continuação da Revista de 1929)

CRUZ ABREU

"—Falta de mais a mais a intensidade de calor bastante e o estado de uma athmosphera humida para fazer exhalação em outras substancias que não as mencionadas.

E para que estas emanações se tornem tambem nocivas he indispensavel grande quantidade de insectos, de vegetaes e materias animaes que entrassem em decomposição pela diminuição excessiva d'agua.

Sendo, pois, estes effluvios causa da insalubridade, não posso reconhecer esta com a existencia desta lagôa.

Quando mesmo o calor subisse tanto que fisesse evaporar toda agua, não apparecerião no fundo da lagôa num mesmo lodo lamacento que fisesse desenvolver com sua putrefação — emanações insalubres, porque esse leito é todo arenoso.

Mas he tal sua profundidade que seria precisa uma secca prolongada para que toda essa

agua, hoje em grande deposito, podesse desapparecer: e caso isso succedesse, ficando os raios solares em contacto com a arêa somente, de nenhum modo a saúde publica seria damnificada.

Portanto, sendo sabido que a profundidade de uma lagôa em terreno como o d'esta, impede os effluvios pantanosos; que a abundancia d'agua não permitte que o ar por meio da intensidade do calor se ponha em contacto com o lodo; parece que (estando a lagôa do garrote nestas condições e com muito mais agua do que nos 6 annos anteriores, nos quaes nunca ella occasionou mal algum), tenho evidentemente demonstrado achar-se bem longe de produsir as causas de incubação morbida.

Desejando que V. Excia. se compenetre de minha convicção, e de que se erro he só culpa da minha pouca inteligencia e não por que deixasse de examinar o que avanço; permitta-me que ainda diga alguma cousa.

Quando mesmo desconhecesse quaes erão os elementos precisos para a infecção da athmosphera, me convenceria de que nesta lagôa nenhuns existem, vendo que em toda sua visinhança goza-se de mais saude, do que nos logares mais proximos á cidade, não obstante a muita pobresa que ahi habita.

Em 1838, já assim patentiei: e V. Excia. que tanto parece querer se compenetrar da verdade, se dignará ler o voto em separado que então dei á convite do Exmo. sr. ex-presidente Manoel Felisando de Souza e Mello, o qual se acha anexo ao parecer, que tenho a honra de remetter incluso.

O conhecimento de que — ha lugares, em que um pantano sendo ahi fatal, sob outra athmosphera, com as mesmas condições, deixará de produzir emanações insalubres, segundo a temperatura do clima e a influencia do organismo modificado por causas que fazem neutralizar essas emanações, verifica-se com a existencia desta lagôa, quando por ventura se de-

monstrasse haver nella alguns elementos de nociva composição.

Além do que fica dito, assevero a V. Excia. que não havendo nesta lagôa aguas salgadas que se misturassem com as da chuva; e não sendo má a quantidade do solo e nem existindo outros depositos de aguas dormentes; presumo ter demonstrado que a existencia desta lagôa não pode concorrer para infeccionar a athmosphera: e estando de mais a mais a sota-vento da cidade menos pode damnifica-la.

Deveria aqui terminar, senão tivesse de fallar sobre o desecamento, cuja necessidade torna-se desconhecida, tendo eu asseverado não ser a lagôa um deposito de infecção. Mas desejando em tudo satisfazer a exigencia de V. Excia., vou em poucas palavras dizer o que entendo a respeito.

Ha tempo que ouço fallar em desecar esta lagôa por se julgar, dizem, dever-se aplanar o caminho para se chegar á capellinha.

Seria necessario, para se evitar effeitos bem funestos, que perfeitamente se a nivellasse com todo o terreno circumvisinho, e se despendesse por mero luxo e sem gosto alguns pares de contos de reis para somente se conseguir o desapparecimento de uma lagôa, que tanto serve de refrigerio á grande parte da população daquelle arrabalde, e de beneficio para a creação que ha em toda esta cidade.

E quantos meios preliminares ainda indispensaveis para se executar em regra esse plano, que só daria em resultado grandes privações e incommodos a muitos dos habitantes?!

Julgando do meu dever dizer tudo quanto á este respeito sentia, desculpe-me V. Excia. se por ventura me excedi.

Deus guarde a V. Excia. — Ceará, 30 de junho de 1851. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, presidente desta provincia.

Dr. José Lourenço de Castro Silva"

Como se vê, pela leitura das paginas anteriores, as principaes medidas de prophylaxia da febre amarella, conhecidas então, já haviam sido tomadas pelo presidente Silveira da Mota.

Almeida Rêgo, que o substituiu immediatamente, não teve mais que, incorporado aos seus collegas, prestar assistencia medica a centenas de enfermos.

Os casos iam apparecendo, um aqui, outro acolá; multiplicaram-se, porém, prodigiosamente nos primeiros dez dias de junho. Coincidia essa exacerbação com o estado da atmosphera — chuvas continuas, céu encoberto.

Ainda assim, a benignidade da epidemia era de tal ordem, que se chegava a acreditar que a doença não era, certamente, a febre amarella, de que se contavam horrores quando, o anno transacto, assolara a capital do País.

Até 15 de junho, haviam sido atacadas mais de 600 pessoas, e só se contavam 8 ou 10 casos fataes. (1)

Até 13 de julho o dr. José Lourenço havia tratado 166 pessoas, que se restabeleceram "no espaço de 1 a 3 dias". Perdera apenas 3 desses doentes, duas creanças e um adulto, por circunstancias que elle explicava.

O dr. Castro Carreira, até a mesma data, cuidara da 221 doentes, dos quaes só um fallecera — um menor de 13 annos. Applicava de preferencia a homeopathia.

O dr. Marcos Theophilo não publicava sua estatistica, mas sabia-se que elle, como os outros medicos, não descansava um instante, sempre a ver doentes.

Andavam os tres a cavallo, que a pé não era possivel attender a tanto serviço, numa cidade sem calçamento e com alguns centimetros de areia frouxa. (2)

O tabellião Candido Pamplona administrara a homeopathia a mais de 60 doentes, e não se sabia o numero

---

(1)—*O Cearense*, de 15 de julho de 1851

---

(2)—Expressão que só temos ouvido no Ceará: designa a areia que não offerece a quem caminha a resistencia do solo duro, tornando a marcha muito fatigante. Em S. Paulo sempre ouvi dizer — *areia solta*.

dos soccorridos pelos boticarios Ferreira, Theodorico e Mamede.

O commerciante José Henrique Samico, sub-delegado de policia, tambem attendia, com a homeopathia, aos enfermos que o procuravam; e muitas familias, guiadas pelas **Instruções** publicadas pelos medicos, já não recorriam aos profissionaes; applicavam os remedios aconselhados e resolviam os casos mais simples.

De 15 a 18 de julho começaram os obitos a augmentar. Segundo uma nota fornecida á redacção do **Cearense** pelo sacristão da Matriz, já se haviam sepultado, de principios de junho a 18 de julho, 18 cadaveres de amarellentos.

A 18 de julho, uma triste noticia circulou pela cidade — fôra atacado de febre amarella o dr. Castro Carreira. Diziam-no gravemente enfermo; e passara seus doentes de partido ao dr. Marcos Theophilo.

A população ia perdendo a confiança em que estivera na benignidade da molestia; já se manifestava um certo terror panico. Corria que, na Cadeia Publica, jaziam infelizes presos atacados da epidemia, e sem tratamento, por haver enfermado seu medico assistente, o dr. Carreira.

O presidente Almeida Rêgo não perdeu a calma. A's primeiras horas do dia, já o viam a cavallo, pelos bairros mais afastados, o Outeiro, a Prainha, a Jacarecanga, a Lagoinha e outros, a ver e a tratar os doentes pobres, nas palhoças numerosas que constituiam esses bairros. A remoção dos doentes para as duas enfermarias improvisadas no Hospital de Caridade, inacabado ainda, já se não fazia. Não comportavam mais doentes.

A' noticia da enfermidade do dr. Carreira, Almeida Rêgo fez um appello ao dr. José Lourenço, já muito sobrecarregado de trabalho, e o nomeou medico da pobrezo (Portaria de 18 de julho de 1851). José Lourenço, com um sacrificio inaudito, acceitou a incumbencia: foi ás prisões, cuidou dos doentes e, logo na primeira visita, requisitou, sem parcimonia, roupa para os infelizes, que se cobriam com andrajos.

Felizmente, houve exagero com relação ao estado

de saúde do dr. Carreira. O estimado medico restabeleceu-se em poucos dias, e já, a 29, saía de casa para visitar seus numerosos clientes. De 29 de julho a 4 de agosto, viu-os em numero de 213.

Crescia espantosamente o numero de enfermos, e então, já não era apenas Fortaleza a atacada; chegavam noticias de que a febre reinante (3) apparecera em Maranguape, Acarape e Baturité.

Almeida Rêgo, sem dispor de medicos para mandar a essas localidades, enviou ao chefe de policia grande numero de exemplares do **Pedro II** em que vinham publicadas as **Instrucções sobre o tratamento da febre amarella,** formuladas pela commissão medica nomeada por Silveira da Mota, e recommendou que os mandasse distribuir pelos delegados nas localidades em que se fosse manifestando a epidemia. Essa mesma distribuição se fez tambem a todos os vigarios e camaras municipaes.

A 1.º de agosto, **O Cearense** affirmava que a epidemia augmentava no numero de doentes e na gravidade dos novos casos.

Não menos de 3.000 pessoas já haviam sido acommettidas; estavam se registrando de 50 a 100 casos diariamente. Só a estatistica do dr. Carreira contava, até o dia 28 de junho, 597 doentes.

A mortalidade não era, entretanto, exagerada; os casos fataes verificavam-se em pessoas recentemente chegadas á Capital. Dous individuos — Joaquim de Sousa e um irmão—, chegados do Ipú, haviam fallecido (26 de julho). A 30, falleceram, no mesmo dia e quasi á mesma hora, Francisco José Pereira de Góes e sua mulher, d. Antonia Maria do Carmo. Eram pessoas de certa consideração, residentes em Baturité; tinham vindo á Capital, em visita á sua filha, esposa de Manuel Caetano Nunes Pinto, administrador dos correios. Já iam a re

---

(3)—*Febre reinante* tornou-se, nessa época, ao menos no Ceará, synonymo de febre amarella, tanto se designou a doença por essa forma. O povo só dizia assim, e a imprensa, afinal, adoptou a synonymia.

tirar-se quando foram ambos acommettidos, fallecendo seis dias depois.

O dr. Carreira perdera nessa semana (de 21 a 27 de julho) 3 doentes: — uma menor de 11 annos, filha do sr. Bravo, e dois presos na Casa de Correcção. Já eram 4 os que dali saíam, victimados pela **febre reinante.**

Esse medico, publicando suas estatisticas semanaes, entra em pormenores muito curiosos sobre a marcha da molestia em alguns de seus doentes, e deixa indicações hoje muito preciosas a quem procura conhecer a cidade e a gente desse tempo. Fala da molestia de um filho do sr. Ignacio da Costa Gadelha; de uma filha do sr. Elias, ourives (4); do sr. João Vieira (5); do sr. Paula Barros (6); de um filho do sr. Gervasio (7); do sr. Fausto, cunhado do sr. Portugal; de uma filha do sr. José de Sousa Cavalcante; de um filho do sr. Manuel Moreira Dias, no fim da Rua do Fogo (8); e da sra. Maria Magdalena, sua prima, que, havia pouco, tivera a desventura de perder o pai.

---

(4)—Elias Martins de Sá, natural do Rio Grande do Norte, um dos feridos no celebre tumulto da igreja do Rosario, nas eleições de 1848. Morreu em avançada idade, empregado no Lyceu, mais ou menos em 1877. Usava uma bella barba que lhe descia ao peito, muito cerrada e muito alva. De tez corada e aspecto veneravel, o velho Elias lembrava a imagem com que a Igreja representa S. Joaquim.

(5)—João Vieira da Costa Delgado Perdigão.

(6)—Manuel Francisco de Paula Barros, official maior da secretaria do governo; servia interinamente o cargo de secretario do governo.

(7)—Gervasio de Sousa Raposo.

(8)—A Rua do Fogo começava na Praça Pedro II, hoje Praça do Ferreira, e seguia o mesmo alinhamento da Rua da Palma, hoje Major Facundo; era a mesma Rua da Palma que tomava o nome de Rua do Fogo, depois da Praça Pedro II—uns casebres baixos, alguns cobertos de telhas, a maior parte de palha.

Ainda é do nosso tempo a existencia de um desses casebres, cobertos de telhas, no começo da rua, onde morava Theotonio Esteves de Almeida, com sua typographia archaica, na qual imprimia seu jornalzinho *O Meirinho*, onde estudantes do Lyceu publicavam suas primicias literarias.

A 15 de agosto, dia de Nossa Senhora das Angustias, um caso fatal em pessoa de grande e geral estima da sociedade cearense encheu de pesar a cidade inteira; de pesar e tristes apprehensões.

Pelas 4 horas da tarde, em sua residencia, á rua do Rosario, quasi em frente ao portão que dá entrada para o palacio do governo, falleceu José Henrique Samico. Era filho de Angelo Rodrigues Samico, antigo empregado da Alfandega, e nascera em 1825. Contava, pois, 26 annos de idade.

Em 1844, com 19 annos apenas estabelecera-se com casa commercial á Praça Carolina, nessa epoca centro de animadas transacções mercantis; e com tal actividade geria José Henrique seus negocios e com tanta intelligencia os conduzia, que, a despeito da pouca idade, emparelhava com os velhos e mais experimentados commerciantes da Fortaleza, na conquista da confiança e do respeito para o seu nome.

Acompanhava a politica de sua familia, prestando seu concurso aos conservadores da Provincia, com a lealdade que era do seu caracter e sem as demasias dos que recusavam justiça e consideração aos adversarios. Dahi a grande estima em que era tido. Ao circular pela cidade a noticia do seu passamento, não houve olhos que se conservassem enxutos.

A' Rua do Rosario acudiu toda a gente a dar publica manifestação do apreço em que o tinha.

Rapida a molestia; em quatro dias abatera a victima, de organização robusta, com largas reservas de resistencia. Tivera o enfermo á cabeceira todos os medicos da cidade, e, desde que adoecera, incessante era o movimento de pessoas que iam á sua casa saber como passava. José Henrique (assim o chamavam) pertencia á cidade, era parcella apreciavel do seu patrimonio moral.

Almeida Rêgo fez-lhe assistencia continuada e o viu morrer com verdadeiro pesar . A approximação em que andaram os dois, nos ultimos tempos, dera-lhe o ensejo de conhecer o valor de José Henrique. Almeida Rêgo o nomeara, por indicação de Ferreira Boticario, 1.º supplente do sub-delegado de policia da Capital (portaria de 23 de julho de 1851), e Samico ia-lhe prestando apreciaveis serviços. Entrara logo no exercicio do cargo de sub-delegado e passara a tomar providencias urgentes,

impostas pela situação alarmante em que se achava a população, presa da horrivel epidemia. Distribuia remedios e soccorros dieteticos.

Por iniciativa sua, destacaram-se do seio de muitas familias cearenses senhoras que, logo pela manhã, se punham em movimento, na piedosa romaria á casa dos mais desafortunados e desprotegidos, a se informarem das necessidades de cada um, promovendo-lhes os recursos indispensaveis. A imprensa da terra, tomada de justa ufania, teceu, unanime, merecidos encomios a esse movimento de caridade.

Seu filho, o dr. Henrique Cesidio Samico, que muito lhe honrou a memoria no cultivo da bondade e dos sentimentos que ennobrecem a alma, contava, a esse tempo, apenas 6 annos de idade.

No dia seguinte, sabbado, 16 de agosto, realizou-se a ceremonia do enterro do malogrado moço. Uma multidão, como jamais se vira em enterro algum, acompanhou o feretro ao pequeno cemiterio de **S. Casemiro**, onde já cresciam as casuarinas — a arvore da saudade, a cuja sombra ficavam os jazigos de alvenaria, simples e modestos, obras dos pedreiros da terra.

Outros factos occorreram, nesse malfadado agosto de 1851, que commoveram intensamente a alma cearense, muito sensivel ao infortunio alheio.

Nesse mesmo dia em que fallecia Samico, expirava João Croudson, jovem britannico. Viera de sua patria longinqua, havia já muitos meses. Trabalhava na Casa Inglesa, a esse tempo da firma Singhehurst & Corlett. Muito lhano, de jovialidade rara na gente de sua raça, integrara-se na sociedade cearense, fazendo-se estimado por sua aprimorada educação e pela correcção impeccavel de suas maneiras. Verdadeiramente querido. Fazia parte da **jeunesse dorée** dessa época, em que raro se abriam as portas do Theatro Thaliense e não havia clubes organizados para funcções sociaes. Nos salões particulares, muito zelosos na distribuição dos seus convites, era que se reunia a fina flor da mocidade de um e de outro sexo, a mão premida em luvas de Jouvin, o elegante calçado de importação francesa resvalando sub-

til em custosos tapetes, ao compasso das bellas valsas, que, de Vienna, já nos mandava Strauss. Famosos os bailes dos Mendes, Rocha Junior, Smith de Vasconcellos, Gouveias e Barbosas, Borges e Castro Silva, dessa gente que constituia a élite e trazia no lenço o perfume então preferido — Sandalo do Oriente.

Muito commentado, e tristemente commentado, o caso referente ao capitão José Joaquim Benevides, homem de prestigio e dos mais conceituados de Mombaça.

Viera a Fortaleza tratar de seus negocios commerciaes e trouxera em sua companhia um filho menor, que pretendia deixar matriculado no Lyceu. Apenas chegado, teve uma grande contrariedade — furtaram-lhe os patacões que elle destinava aos seus compromissos, e, não só isso, elle e o filho contrahiram a febre, á qual succumbiu o capitão Benevides, em poucos dias.

Outro caso doloroso o do fallecimento de Francisco de Paula Tavares Coutinho, o architecto da Matriz de Fortaleza. Era Coutinho um acabado professor de architectura; sem estudos regulares, era chamado sempre a dar sua opinião, tida em muita conta em assumpto dessa especialidade. Nunca houve a lamentar-se erro em planta ou execução que se lhe confiasse.

Com o desprezo natural a vantagens materiaes, trabalhou dezenas de annos na construcção da cidade, identificado sempre á sua pobreza, attento, porém, á perfeição do seu trabalho.

Muitos dos mais antigos predios da Fortaleza de hoje constituiram o inicio de uma phase de renovação na architectura urbana, inaugurada por Tavares Coutinho. A cidade era quasi toda de casebres. Na maioria das ruas só se encontravam casas baixas e estreitas, de porta e janella, sem rotulas ou persianas.

Era o typo commum da edificação. Os sobrados, em numero muito limitado, considerados residencias nobres, eram, de facto, occupados pela gente de boa

situação financeira. Mesmo, desses proprietarios, muitos havia que preferiam levantar casas de um só pavimento, talvez por influencia, ainda, de conceito erroneo que prevaleceu em Fortaleza, por muito tempo, emquanto se desenvolvia a cidade, na sua primeira phase, — de que o solo em que se edificava não offerecia resistencia a predios de mais de um andar.

Conceito erroneo esse, posto em formal descredito pelo tenente-coronel de engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer, ouvido sobre o plano da edificação do sobrado do commendador Machado, um dos mais antigos, situado na Rua do Major Facundo, num dos angulos da Praça do Ferreira.

O que, porém, perpetua o nome de Tavares Coutipho é o edificio da Sé e o cruzeiro que lhe está á frente. E' nesses dois monumentos, onde andaram as mãos habilidosas do artista, que se encontram os traços da superioridade de sua arte, desprovido elle de qualquer aperfeiçoamento que lhe pudesse ter trazido um curso regular de estudos technicos. Sua familiaridade em outros ramos das bellas-artes attestava que Coutinho nascera artista.

Já velho e alquebrado, vinha vivendo em paz com a sua tysica, desde longos annos; acommettido de febre amarella, embora de forma atenuada, não pôde resistir, fallecendo a 17 de Agosto de 1851.

Da familia, composta de quatro meninas e um rapaz, seria arrimo natural, na pobreza extrema em que ficaram, esse filho, o mais velho de todos, que Coutinho vinha educando, de compasso e lapis na mão, desde muito cedo. Era-lhe muito amigo e obediente esse filho; acompanhava-o em todos os trabalhos, revelando notavel aptidão. Dos trabalhos mais arduos já era elle que se encarregava, com a destreza que lhe dava a mocidade, alegre de poupar o velho ao dispendio de forças já visivelmente minguadas. Esse moço — João da Silva Tavares Coutinho—, de 26 annos de idade, viu, em desespero, morrer seu velho pai. Não houve palavras, exhortações de amigos, que lhe trouxessem resignação. Sem attender ás graves responsabilidades que lhe chegavam com o doloroso acontecimento, caiu em prostração moral e desejou morrer.

Não lhe cessava o pranto, e invencivel a renuncia a

qualquer alimento. A febre o acommetteu. Chamado o dr. Carreira, logo comprehendeu que o moço mais soffria d'alma que do corpo. Tentou trazel-o á realidade dos factos, falou-lhe no desamparo daquellas meninas, suas irmãs.

Nada conseguiu. A's 11 horas da noite, a 22 de agosto, veio a fallecer — cinco djas depois da morte de seu pai.

A energia moral que tanto faltara a seu irmão, sobrava em Martiniana, a filha mais velha do velho Coutinho. Animo varonil e resoluto. Auxiliada por amigos de seu pai, promoveu a mudança da familia para Maranguape, a esse tempo povoação de grande fartura e vida barata.

D. Martiniana abriu aula particular para crianças da primeira idade escolar, de um e outro sexo. Dahi lhe vinha, com os diminutos rendimentos, a grande copia de estima que se revelava pondo á mesa das suas refeições o que havia de mais saboroso.